

Gauleses e tupi- niquins

RAUL PILLA

O GRANDE argumento é sempre a França. Exemplo único num mundo em que a grande maioria dos países democráticos é parlamentarista. Mas se, no Brasil, com a nossa primária concepção de governo democrático, nós nos impressionamos com as frequentes crises ministeriais francesas, na França ninguém se preocupa grandemente com elas. Sabe aquêlé admirável povo que mais vale ficar dias ou semanas formalmente sem governo, do que suportar uma ditadura, ou fazer uma revolução. E tão grande é o seu horror às ditaduras, que prefere suportar os incômodos da instabilidade, a corrigir o sistema, pois para lhe dar o equilíbrio próprio do sistema parlamentar clássico, praticado mais ou menos fielmente por tôda a parte, teria de alargar as atuais atribuições do presidente da República. E o caso do marechal Mac-Mahon, primeiro presidente da Terceira República, pesa ainda grandemente sôbre os espíritos.

Isto sabem todos quantos acompanham a vida política da nação gaulesa. Ninguém, a não ser alguns cesaristas, como De Gaulle, pensa ali em abandonar o sistema; pretende-se, quando muito, aperfeiçoá-lo submetendo o parlamento ao freio da dissolução. Neste sentido são, geralmente, as sugestões dos reformistas. Como entre nós, porém, tais coisas são esquecidas até pelos que teriam a obrigação de ensiná-las e se invoca a França como o principal argumento contra o parlamentarismo, não é demais reproduzir aqui um valioso depoimento.

Regressando de uma viagem à Europa e ouvido pela «Tribuna da Imprensa», declarou o ilustre sr. João de Melo Franco que, apesar das crises do Conselho de Ministros, na França, o povo continua apaixonadamente parlamentarista, não admitindo qualquer outro sistema de governo.

Entretanto, vivem os nossos tupiniquins, felicitados como estão sendo pelo presidencialismo, a lamentar a triste sorte dos franceses...